



Foto: equipe clínica aberta de psicanálise da Casa do Povo em Bom Retiro, São Paulo, 2017

1

**A CLÍNICA ABERTA DE PSICANÁLISE E O ANALISTA GRUPO: ENTREVISTA COM  
TALES AB'SÁBER**

**THE PSYCHOANALYSIS OPEN CLINIC AND THE GROUP ANALYST: INTERVIEW  
WITH TALES AB'SÁBER**

**LA CLÍNICA ABIERTA DE PSICOANÁLISIS Y EL ANALISTA GRUPO: ENTREVISTA A  
TALES AB'SÁBER**

Jaquelina IMBRIZI<sup>1</sup>  
Ricardo Almeida CAVALCANTE<sup>2</sup>  
Silvio Ricardo Gomes CARNEIRO<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), câmpus Baixada Santista, Santos, SP, Brasil. E-mail: [jaquelina.imbrizi@unifesp.br](mailto:jaquelina.imbrizi@unifesp.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0950-6174>

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [ricavalca123@gmail.com](mailto:ricavalca123@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2045-732X>

<sup>3</sup> Universidade Federal do ABC (UFABC), Centro de Ciências Naturais e Humanas, São Bernardo do Campo, SP, Brasil. E-mail: [silvio.carneiro@ufabc.edu.br](mailto:silvio.carneiro@ufabc.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4322-2207>

Entrevista com Tales Ab'Sáber, psicanalista e ensaísta, professor de Filosofia da Psicanálise na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), coordenador da Clínica Aberta de Psicanálise e o Grupo Analista na Casa do Povo em São Paulo, membro do coletivo de cinema contemporâneo Rewald & Ab'Sáber, autor de, entre outros, *O sonhar restaurado, formas do sonhar em Bion, Winnicott e Freud* (Editora 34, 2005) e *O soldado antropofágico, escravidão e não pensamento no Brasil* (n-1, Hedra, 2022). A entrevista foi realizada no dia seis de julho de 2024, por Jaquelina Imbrizi (Professora Associada da Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista), Ricardo Cavalcante (Psicanalista do coletivo Clínica Aberta de Psicanálise na Casa do Povo e Professor do curso Sujeitos da Psicanálise na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) e Sílvio Carneiro (Professor na Universidade Federal do ABC).

**Jaquelina Imbrizi:** Sabemos que você já participou de várias entrevistas sobre a construção do coletivo “Clínica Aberta de Psicanálise da Casa do Povo”, então a minha pergunta se refere ao que você destaca de aspectos novos que pouco foram ditos ou comentados sobre o processo de criação deste coletivo.

**Tales Ab'Sáber:** Muito obrigado por todos estarem aqui. Vai ser muito rico para mim, espero que também para quem tiver acesso a nossa conversa. Como as comunicações são feitas no âmbito do interesse dos psicanalistas – das instituições, dos grupos terapêuticos e de formação e de pensamento psicanalítico – os pesquisadores interessados costumam se deter na montagem da estrutura de rodízio de analistas, que configurou essa nossa clínica social, sustentando um espaço clínico constante e aberto, que aparece em nosso meio como uma novidade. O fato original de que um grupo-analista se rodiziando no atendimento de um mesmo paciente seja capaz de produzir uma mesma psicanálise de um psicanalista atendendo um paciente em seu consultório. Essa é a questão que chama atenção dos psicanalistas e que, em geral, é a mais discutida.

Mas há outras. A que eu acho, talvez, a mais importante é do pensamento sobre *aquilo que nos convoca individualmente e coletivamente para dar um passo criativo histórico social para fora das formas sociológicas clássicas de montagem do setting psicanalítico*. E, a questão importante no âmbito dos psicanalistas: “porque desejamos esse desejo?” Esse desejo significa, fundamentalmente, *uma articulação crítica*. De algum modo, sabemos que nossas qualidades como psicanalistas não cabem na estrutura social comum que habitamos, nossas potências não cabem na ordem reprodutiva do mundo que encontramos, e se elas não cabem na estrutura da formação do *setting* psicanalítico tradicional é porque elas também não cabem na estrutura social histórica da formação da vida social que forma o *setting* psicanalítico. Aqui, as dimensões críticas referentes à psicanálise vão longe. E acho que essa é uma questão pouco explorada pelos psicanalistas. Eles se interessam mais pela

técnica e sua abstração teórica do que pelo potencial crítico do processo interno, e da psicanálise no mundo. Nos parece claro que a psicanálise pode ser pensada como dispositivo histórico crítico e autocrítico fundamental do processo geral da modernidade. Para desenvolver essa liberdade de pensamento em relação à condição de enquadre social da psicanálise, os compromissos históricos que a limitam, devemos ir ao núcleo impensado de toda organização deste enquadre: sua formatação pela atuação impensada da *forma mercadoria*. Um *sintoma social* politicamente blindado, não é mesmo? É na crítica desta estrutura política econômica naturalizada, a formação do espaço de trabalho analítico como *forma mercadoria*, que tem origem a ideia da Clínica Aberta. A Clínica Aberta é pública e acessível, e é aberta em relação aos controles, aos *fechamentos*, do mercado geral da vida humana.

Também há outras dimensões interessantes da Clínica, que se referem ao caráter transicional da própria escolha do espaço público, esse espaço intermediário entre a psicanálise, o mundo e os pacientes. No nosso caso, uma presença viva das forças psíquicas da cidade, nos pacientes e em nós mesmos – nós que iniciamos a pesquisa na Vila Itororó, grande encruzilhada de questões históricas, urbanas e humanas, e passamos para o espaço da Casa do Povo, outra encruzilhada de compromissos históricos e produção de vida na cidade, a nossa casa, por assim dizer, onde desenvolvemos durante anos nosso trabalho.

É a ampliação da ideia de transicionalidade de Winnicott, que vai do gesto criador de um objeto pelo bebê humano à existência na cultura, como ele discute em “O Brincar e a Realidade”, que nos revela todos os dias que o sistema de sentidos que circula no espaço analítico de uma clínica social é maior do que o que circula na transferência do paciente com o analista. Existe uma transferência criativa e transicional com a cidade, com o bairro, com o lugar, com a casa, e até com uma micropolítica transicional que acontece dentro do espaço maior, que é o lugar no mundo, ético estético, que parte de um mistério, onde os pacientes escolhem colocar as suas cadeiras... Ou seja, como eles *sonham ali* e contribuem para a criação, junto do analista, de um lugar de encontro. Nós também inventamos, nessa linha, o nosso *fenômeno transicional*, um pouco simbólico, que é o atendimento nas escadas da Casa do Povo, com as grandes janelas de vidro abertas para a rua. Situação surpreendente para muitos, é um modo de dizer *que estamos fazendo psicanálise no meio da praça*, pois as pessoas circulam pelas escadas enquanto as sessões acontecem. A proposta é a de ser visto, e não a de ficar escondido, voltar à sala da intimidade burguesa do século XIX, pois é de uma psicanálise pública, social e política que se trata. E isso, como sempre, está baseado no que a gente aprendeu com Freud e com Winnicott: a potência transferencial é maior do que os ruídos ao redor. O vínculo e a necessidade de um outro como operador de mim mesmo, que é um vínculo L (love) como diria Bion, se estabelece em qualquer lugar, sob qualquer circunstância. Então, todos os lugares, todos os settings, são uma invenção, de tempo e de espaço, histórica e cultural, para que esse vínculo analítico se dê, o que realmente importa. Winnicott fazia seu trabalho de analista nos corredores do hospital pública inglês, nós fazemos o nosso nas escadas da Casa do Povo. É alguma coisa muito poderosa que nos

permite atender em meio ao espaço público, mas também ficarmos junto à janela, aberta ao mundo, porque a cidade também importa. Então, nós temos ali uma circulação de sonho, uma circulação de associações livres e uma circulação que, por vezes, passa pela janela e pelos elementos da própria cultura, *exteriores interiores* à conversa. Muitas vezes os pacientes param por um segundo de falar, e olham para o mundo através da janela... O que eles veem então, junto ao trabalho de si mesmos? Essa dimensão da presença da cultura sendo produzida junto com a transferência é muito rica nessa clínica. A imagem e a articulação com o mundo, a cidade, coisa política por excelência, está ali, junto da própria experiência “estrangeira” de si mesmo da associação livre, que funda qualquer análise.

Tudo significa a existência de um espaço de invenção de trabalho, e de experiência, extra mercadoria. Essa vida outra, com a cidade, sustenta um grupo político, no caso, de analistas, que quer investigar a vida nestes termos, o que se articula com a primeira questão que eu destaquei: o desejo crítico que está em jogo. Eu acho que essas questões são pouco investigadas: a micropolítica, a dimensão transicional maior do processo, estética, a micropolítica transicional no encontro, e a direção crítica do que sustenta esse desejo de diferença e de investigação histórica, ao mesmo tempo, teórica, que coloca essa clínica em outro lugar social.

**Jaquelina Imbrizi:** Agora uma pergunta sobre a sua trajetória pessoal e acadêmica e que se refere ao como foi a sua escolha por trabalhar com psicanálise e como ela desemboca na criação do coletivo de psicanalistas? Primeiro na Vila Itororó, que você citou na resposta anterior e depois na Casa do Povo, quais são os autores de referência que subsidiaram sua trajetória e quais conceitos e ideias novas foram criadas a partir da experiência da implantação do projeto.

**Tales Ab'Sáber:** Essa questão é um pouco espinhosa porque, se a gente parar para ver o meu percurso eu fui um analista bastante enviesado em relação ao modo tradicional de formação de um psicólogo, de um psicanalista entre nós. Porque, antes mesmo de acessar a psicanálise ou junto com meu acesso à psicanálise, estive convocado por problemas de sociedade, política, problemas de formação social e histórica no espaço cultural e periférico de um país pós-colonial chamado Brasil. Isso está ligado e vem da minha formação em cinema que é concomitante à minha formação em psicanálise, as coisas foram se dando ao mesmo tempo. No meu estudo de cinema no Brasil, fui muito influenciado por uma certa linhagem do pensamento crítico que se constituiu entre nós. No âmbito do cinema, uma referência importante foi Paulo Emílio Salles Gomes, parceiro de trabalho teórico e político do Antonio Candido, crítico cultural que nos anos 60-70 radicalizou a percepção de que a experiência brasileira, quando olhada do ponto de vista do cinema, não tem como coincidir com a ideia do *universal do cinema no mundo*. Ele formulou o fato, de economia política global, e de *economia psíquica global* de que o grande cinema industrial imperialista não pertence e não pertencerá ao Brasil. Ou melhor, fara parte do Brasil como uma espécie de

*invasor*. É uma estrutura tanto econômica do Capital, quanto simbólica e reflexiva, que ao mesmo tempo tem também o seu momento universal, que nos inclui, mas que nos é exterior. O Paulo Emílio, foi aquele que formulou radicalmente a ideia de que *qualquer filme brasileiro, por pior que seja, é melhor do que qualquer filme estrangeiro*, por mais belo e inteligente que ele seja. Pelo motivo simples de que ele expressa as nossas contradições, as nossas possibilidades e potências reais ou irrealis. Não deixa de ser uma psicanálise, materialista, do lugar de uma cultura, e um cinema, em um mundo cindido. É um pensamento dialético entre centro e periferia que radicaliza o entendimento de nosso *não ser*, ou ser outro, no mundo que nos enquadra para sua exploração. Então, antes de me tornar psicanalista, eu trabalhei com esses pensadores da cultura no Brasil. O Paulo Emílio foi orientador do meu orientador, Ismail Xavier, na Escola de Comunicação e Artes da USP, que é um teórico imenso do cinema. Ele pesquisou muito o cinema do Glauber Rocha e o Cinema Marginal brasileiro, e *Terra em transe*, que é uma referência também muito importante para mim. O próprio Glauber Rocha, com o pensamento sobre as possibilidades de “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça” produzir algo novo e relevante a nosso respeito. São as possibilidades de se gerar uma forma a partir do seu próprio lugar histórico e social. Veja que tudo isso está colocado na cultura, no *problema do Brasil*, enquanto a psicanálise corre na pista da leitura dos seus clássicos e da leitura do processo constituído na Europa no final do século 19 e começo do século 20, com todas as suas dimensões dialéticas e potencialmente críticas, mas construída num outro universo de referências históricas.

5

E todos esses pensamentos sobre o Brasil também foram historicamente derrubados. Primeiro pelo golpe militar de 1964, que anulou esse campo num ato de violência total da Guerra Fria, expulsando, matando, torturando e calando as vozes que construíram esse mundo crítico. Foi instaurada uma ditadura de 21 anos que deslocou a cultura desse foco crítico que era muito intenso, dos anos 30 até 64, e deslocou a cultura para a produção de uma nova ordem de Indústria Cultural. Isso, a partir dos anos 1970, em um processo gigantesco que teve como consequência a adesão subjetiva geral à gestão espetacular industrial do desejo. O que foi feito com muita exclusão e com muita violência social. A cultura passou a funcionar na Rede Globo, na novela de televisão, na vida da propaganda e do consumo de massas, isso nos anos 1970, antes da explosão contemporânea da hiper Indústria Cultural, por assim dizer, dos celulares, aí já globalizada, do Tik Tok de hoje; então o Brasil – na sua fratura e no seu lugar no mundo, como diz o Paulo Arantes, que é um dos pensadores dessa tradição – o Brasil mostra a fragilidade cultural de uma experiência periférica e a submissão cultural a um jogo de geopolítica do poder simbólico, de um imperialismo simbólico, que coincide vida para a mercadoria com cultura como imagem excitada da própria mercadoria. Nós levantamos a cabeça, crítica, por 50 anos/40 anos, dos anos 1920 aos anos 1960, mas tivemos a *cabeça cortada* como diz o Glauber Rocha. E no lugar da nossa cabeça cortada, que é a nossa reflexão sobre nós mesmos, nós engolimos uma maquinaria espetacular total, junto com a administração gigantesca da exclusão. A redemocratização tardia, ao longo dos anos 1980, mas principalmente na década de 1990,

colocou um horizonte de que a nova democracia liberal, ultrapassando a ditadura, nos traria de volta a nossa ação social e política como sujeitos. Mas o que que nós vimos ao longo da redemocratização foi a radicalização de duas coisas: da cultura de consumo, da cultura industrial, da cultura fetichista da vida para o mercado, do homem unidimensional e a aceleração dessa lógica tardia no Brasil, e a gradual retomada dos valores autoritários autóctones brasileiros. Esse é o processo tardio e periférico que passa hoje por uma espécie de violência histórica de novo tipo de acumulação primitiva. Mas foi o golpe de 1964 que derrubou todo um trabalho cultural conceitual de comprometimento. Então, eu estou dizendo tudo isso porque esses elementos, pré-1964, críticos e de uma consciência crítica dialética periférica fazem parte do meu pensamento. Eu me formei com eles, lendo Paulo Emílio, além do Glauber, Antonio Candido, Roberto Schwarz e, mais recentemente, Paulo Arantes. O que significa, de meu ponto de vista, que existe um resto utópico em nossa história de pensamento que está anulado no nosso tempo. A única coisa que mantém esse pensamento vivo são as universidades públicas, que hoje estão sob ataque permanente do neoliberalismo e do neofascismo. Um resto utópico, de que podemos ser sujeitos tanto da criação de um pensamento original, quanto do comprometimento da criação da nossa ação social e política no mundo. Mas, essa ideia está arrasada na cultura. De certo ponto de vista da crítica, em nosso tempo ninguém é sujeito de nada, senão da reprodução do seu próprio circuito no circuito geral das mercadorias. Esse é o único sujeito existente. São essas inquietações, aparentemente exteriores à psicanálise..., que durante muito tempo me provocaram para conceber a Clínica Aberta de Psicanálise.

6

No trabalho tem alguma coisa da velha crítica periférica brasileira, da velha busca de autonomia e de invenção, que foi toda tomada para a administração científica da Universidade. Tudo vira gestão ou alguma coisa de didático escolar. Nós não temos o direito de pensar nós mesmos no mundo, e nosso mundo, de forma radical, cada um de nós livremente. Então esse é o fundo político da minha formação. Ao mesmo tempo, tem o interesse, que é relativamente conhecido das pessoas que acompanham meu trabalho, em conhecer a história clínico-teórica da psicanálise em profundidade, de modo a conceber uma evolução interna do processo histórico de 120 anos da psicanálise, que foi o que entendi, pesquisando quando jovem na universidade, que era *um processo unificado*. De forma que não tinha nenhum cabimento pensar em escolas ou autores autóctones e totais em psicanálise. Pelo contrário, a psicanálise é um campo investigativo organizado originalmente e historicamente por Freud, que lança problemas que vão sendo investigados, vão sendo renovados por vários caminhos, ao longo do tempo. Por exemplo: os processos históricos de desenvolvimento da cultura moderna do capitalismo também vão alterando as subjetividades com o tempo, e, necessariamente, a psicanálise precisa se deslocar em relação a eles. Inevitavelmente, e isso já se deu no tempo de Freud: a emergência do ensaio “Além do princípio do prazer”, em 1920, é efeito psicanalítico da primeira guerra mundial. Todos nós sabemos disso. Os psicanalistas tiveram que responder ao processo histórico, para eles surpreendente, que rompeu os limites do seu próprio pensamento. Então, a ideia

de uma psicanálise historicamente se produzindo, mas com problemas necessários articulados, de Freud até a Clínica Aberta de Psicanálise de hoje, e como ela está construída nessa lógica, seria uma espécie, como dizia Adorno, *de crítica imanente interna do processo histórico da psicanálise*. Nesta crítica, que unifica teoricamente o campo, cabe pensar por que que em 1927 Ferenczi se tornou necessário, porque que em 1930/31 a Melanie Klein se torna necessária; em 1947/1950, Winnicott se torna necessário; em 1967 Bion se tornou necessário. Todos esses pensadores, para mim, estão no quadro freudiano de problemas, estão evoluindo, refinando, deslocando, problematizando e pensando, às vezes de forma articulada e às vezes para além de Freud. O caso de Winnicott é o caso claro de um para além de Freud. E Ferenczi também.

Sem falar nos meus mestres locais, três analistas com quem estudei: Renato Mezan, Isaías Melsohn e Gilberto Safra. Os meus colegas de geração, Flávio Carvalho Ferraz, a Noemi Moritz Kon e o Décio Gurfinkel. Enfim um grupo de uma geração de psicanalistas. Mas eu sempre tive essa coisa arrevesada, porque a inquietação com o Brasil, com a cultura, com a tragédia social brasileira meio permanente, sempre fez parte do meu pensamento. Incluindo aí a diferença, pois esse nosso processo periférico não é igual ao processo central, e mesmo quando nós estamos inseridos no processo tido por “universal”, nós estamos inseridos de modo enviesado e outro. A grande diferença é a nossa grande tradição da exclusão de massas radical, sob a qual, em nosso mundo, como dizia o Sérgio Buarque de Holanda, a ideia de democracia sempre foi extremamente superficial. Ela nunca foi verdadeiramente estrutural. Sim, porque não se produz democracia para um povo de escravizados. Este é o ponto problemático do Brasil, a meu ver, que tanto me interessa.

7

**Ricardo Cavalcante:** Tales, gostaria de retomar algumas das ideias que você já trouxe com uma pergunta que vem do interior do analista grupo, como um dos integrantes do coletivo. Você falou da micropolítica e isso me fez pensar que nossa clínica tem uma questão política fundamental: somos um grupo de analistas fazendo um trabalho que um analista individualmente jamais poderia levar adiante. Aproveitando a sua leitura histórica da psicanálise, especialmente a partir de Bion, Winnicott e Kaës, podemos pensar que o analista grupo atua como um continente para cada um de seus membros, especialmente por meio do trabalho do sonho coletivo, em nossas conversas clínicas sobre os pacientes. Nesse sentido, você pode fazer alguns cruzamentos entre o tema do seu doutorado, "O sonhar restaurado...", com a constituição do *setting* da Clínica Aberta de Psicanálise?

**Tales Ab'Sáber:** Muito obrigado por essa questão, porque sim, por dentro da pesquisa em psicanálise, da pesquisa teórica, a psicanálise sempre tem um real gancho clínico. A teoria em psicanálise nunca é vazia da experiência clínica e sempre está em um certo horizonte de proposição de contato com a vida, que é a clínica. A teoria vem da clínica, é com a clínica, e volta para a clínica, sempre insisto nisso. E se não reencontra o espaço vivo da clínica, que no meu caso foi a pesquisa pela expansão das ideias de sonho que acontecem em Winnicott

e em Bion, a teoria precisa se rever. O vivo vai na frente e esse é um dos grandes paradoxos da psicanálise como *ciência*. Eu discordo de leituras de psicanálise que a pensam como uma tábua teórica. E isso é comum tanto entre psicanalistas quanto entre cientistas sociais e filósofos que acham que a psicanálise é a organização daquelas ideias e daquelas noções, que são sim, parte fundamental da psicanálise, no campo teórico e metapsicológico, como Freud o chamava. Entretanto, quando chegamos no Winnicott, ele diz: eu faço teoria, mas não faço metapsicologia, para vermos como a coisa é complexa. A teoria winnicottiana escapa da ideia de metapsicologia. Por que o Winnicott faz um ato, teórico, como esse?

Porque alguma coisa do espaço clínico, no caso histórico dele referido a mães e bebês, exige esse deslocamento: não tem cabimento pensar metapsicologicamente o que se está vivendo naquela clínica. Mas tem cabimento escrever, dar nome para esses processos acontecidos. Esse imbricamento entre o espaço clínico e a produção de teoria é como a respiração no ser humano, você não inspira sem expirar e você não expira sem inspirar, é uma pulsação permanente entre dado fenômeno e a tentativa de comunicá-lo. É isso que dá vida à psicanálise, onde a vida é mais importante que a psicanálise teórica, que pode ser ideologia. Eu sou desse partido, ferencziano e winnicottiano, a vida é mais importante, inclusive, que a teoria; embora a teoria seja o nosso mediador possível, nós trabalhamos pela vida, o que é um enigma porque as vidas são múltiplas, as vidas nunca são iguais e sempre estão marcadas por territórios antropológicos e sociais específicos, e sempre vão ter soluções próprias, singulares. Então essa é uma outra questão, a pulsação entre o singular e a lógica do universal que habita o modelo do inconsciente, um outro paradoxo da psicanálise.

8

Mas, me aproximando da sua questão: sim, lendo e estudando eu observei que tanto o Winnicott quanto o Bion faziam um uso muito radical e fundamental da ideia de sonho freudiana, que os dois prezavam imensamente o sonho e o sonhar e, por assim dizer, a produtividade na ordem dos sonhos. E os dois recebem o modelo do sonho freudiano, o limite mais radical com o inconsciente, como diria o Freud, a última barreira formativa de contato com o inconsciente – é assim que o Bion vai definir a função do sonho, barreira de contato com o inconsciente. Então, nessa última fronteira, esses dois psicanalistas radicais, também de fundamento teórico do sujeito, como Freud, abriram mão, mais ou menos, do sistema geral das instâncias psicanalíticas nomeáveis, culturalizadas, para apostar no próprio espaço do sonho como algo de principal na psicanálise.

Os dois levaram a ideia do sonho freudiano para outros universos. A questão do Bion era: onde está o sonho freudiano quando o psicótico alucina e não sonha? Onde foi parar o sonho freudiano quando o psicótico não se organiza emocionalmente para o sonho, mas para a ausência do sonho. O que o psicótico faz? Bion relaciona a ausência de sonho com a produção psicótica. Aí ele conclui que o aparelho psicótico, seja lá o que for, é um aparelho em oposição ao sonhar. E como ele se lança, como ele funciona, como se produz? Bion estava influenciado fortemente, como sabemos, pela ideia de identificação projetiva kleiniana, uma identificação projetiva maciça, que, por sua vez, é uma lógica que emerge no

*Além do Princípio do Prazer* de Freud – e lá onde surge, pela primeira vez, a ideia de que o psiquismo pode se livrar de si mesmo, projetando massivamente, que é uma das modalidades, uma das imagens, da pulsão de morte.

E Bion vai dizer, entre outras coisas: bom, o psiquismo que se livra de si mesmo é o psiquismo que se livra do aparelho onírico; este psiquismo existe por fora do aparelho onírico. Daí vem a próxima pergunta: como articular o psiquismo que se livra de si mesmo e que existe fora do aparelho onírico, que é delirante, projetivo, fragmentário, e que aumentando o ataque ao aparelho chega a atacar a própria percepção, a própria unidade suposta da percepção, e produzir algo aí que é alucinação, mas não é sonho? Ele separa as lógicas, não é? Como aproximar essa experiência estrangeira do sonhar, do *seu sonhar*, que, veja bem, não é ser neurótico - é bonito isso - não se trata de transformar o psicótico em neurótico. É aproximar essa impossibilidade radical, essa tempestade projetiva destrutiva, esse mundo infernal da vida da paranoia, da possibilidade de tocar e sustentar o aparelho onírico. Aí habita o Bion: como se tece o aparelho onírico onde ele não existe?

Isso é um pensamento que o Bion propõe, nos anos de 1950 e 1960, e pode-se verificar como grande parte dos analistas ainda hoje não conseguem pensar muito nisso. E acredito que isso tem efeitos culturais bastante complexos: o que em nossa cultura, e isso se articula com o Marcuse, é projetivo, é destrutivo de um verdadeiro aparelho onírico *desejante e erótico*, em que você teria uma circulação poética e uma existência eu-outro porosa, não catastrófica? Eu tenho uma intuição que o *fetichismo da mercadoria é projetivo*, é uma grande máquina, política – o que é uma intuição marcuseana – *de congelamento de um onirismo erótico*, de uma articulação entre "eros e civilização", que, desse ponto de vista, seria o sonho, o sonhar. A base do "Eros e Civilização" é o sonhar, e o gozo da mercadoria, com sua atuação social maníaca e seu controle politicamente determinado do desejo, também o anula. Então essas são as questões no Bion.

No Winnicott, a percepção do que o espaço do que ele chamou de zona de ilusão, que ele também chamou de espaço potencial, que é essa circulação de cuidado, atenção, poesia, reconhecimento, humanidade, que é oferecido gratuitamente ao bebê, sem utilitarismo, sem valor de troca; que é o espaço produtivo, ético e estético, de novo "eros e civilização", mas entre a mãe e o bebê e na raiz de tudo. Esse espaço produtivo é da ordem do sonhar. Ele é também, em termos bionianos, um campo de elementos alpha, elementos sensíveis que são éticos e estéticos. Fundamentalmente eles dão espaço, diz Winnicott, para o bebê se inscrever na realidade com a sua própria potência onírica, criadora. Também o fenômeno transicional do Winnicott, que é eleger um objeto para aluciná-lo como inteiramente seu, inteiramente vivo, vivo como o bebê quiser, é uma equação de fundo onírico.

É uma equação onírica porque você tem um continente significante e um atravessamento delirante e vivo desse mesmo continente significante, que se mantém, que já é cultural. O objeto transicional é um grande elemento alpha, é uma função alpha cultural. A importância do Winnicott é que, diferente de todos os outros psicanalistas, ele inscreve a

presença da cultura, já na raiz desse processo. Constituir-se sonhador é constituir-se com a cultura. E, para chegarmos às plenas potências humanas, se tem início com uma cultura que não é de violência e de restrição. É uma cultura eleita, é uma cultura desejada, uma cultura sonhada. Isso altera muita coisa porque na história original da psicanálise a cultura vem da repressão. Em Winnicott, a cultura vem da realização ética e estética de um gesto desejante de cultura. O bebê quer a cultura, ele a cria, não é? Há a famosa formulação: *aquilo que não foi criado não pode ser vivido como realidade*, e aquilo que não foi sonhado não é real. Daí então esse espaço, o que permite sonhar, o que permite um sujeito existir e existir pelo sonho, por essa produção que ao mesmo tempo esquece algo, torna algo inconsciente, mas se organiza para o outro, criando algo, gerando algo. Winnicott é o Espinosa da psicanálise. Lendo estes grandes analistas, eu soube que esse espaço era o espaço que uma clínica, e qualquer clínica, individual, coletiva, social, tem que estabelecer, tem que viver.

E então me deparei com a descoberta de que René Kaës chamava sua clínica psicanalítica grupal, junto com o Didier Anzieu, de uma "clínica transicional". Isso já nos anos de 1970 e 1980. Eles já perceberam que era esse lugar de um sonhar comum e de um instaurar oniricidade, por assim dizer, um sonhar coletivo, que produzia ali os movimentos humanos possíveis. Essa percepção que me chamou muito a atenção, lendo o Kaës, de que o trabalho grupal – sob o método analítico freudiano, com a potência onírica de fundo, pois o método analítico está apoiado nas potências oníricas de fundo – fazia com que o pensamento grupal, a circulação onírica grupal - um associando com o outro, que associa com o outro, e que associa com o outro... - gera o movimento do grupo, que *pensa junto o processo associativo*, um pouco como acontece no sonhar de Freud, dos múltiplos núcleos articulados de *fantasias oníricas*, mas agora vivido coletivamente. E esse movimento grupal, no trabalho de Kaës, *fazia efeitos individuais* pois podia articular uma transformação até mesmo em alguém *que estava calado no grupo*. Porque esse *eu calado* no grupo também é um eu-grupo e o grupo o pensa, o processa oniricamente, "me pensa e me é".

Ontem eu estava pensando na nossa descoberta, que quando o *analista grupo* da Clínica Aberta faz o seu trabalho de *sonhação* dos pacientes (que como já falamos em outras ocasiões, *é o espelho da análise de grupo*: a análise de grupo é um conjunto de pacientes para um analista, a Clínica Aberta de Psicanálise é um conjunto de analistas para um paciente; o que acontece em uma psicanálise de grupo acontece no analista grupo da Clínica Aberta, apenas a *composição* do grupo muda, mas o trabalho psíquico é o mesmo, vem do sonho freudiano) algo especial acontece, algo de novo para a experiência da psicanálise: a emergência de uma *super imagem do paciente*. Estive pensando a experiência da "super imagem" que o grupo de psicanalistas faz do paciente, que o analista grupo faz do paciente enquanto trabalha - em nossas experiências clínicas. A "super imagem" como tenho chamado, não no sentido do Superego, que é uma coisa fetichista idealizada, mas de algo que é um articulador superior, que está por cima, que articula por cima, *uma síntese?* Que eleva a imagem, em um outro grau, em uma mudança de grau sobre o paciente. Então a "super imagem" dos pacientes, que surge *entre os analistas no trabalho do grupo analista e*

faz um efeito imenso sobre os pacientes, um efeito em suas vidas, me levou a pensar algo sobre o trabalho do psiquismo grupal. Que, se existe aquilo que Winnicott chamou, na sua evolução do pensamento psicanalítico, de *elementos femininos puros* – um desenvolvimento do pensamento ferenciano – que *é o fundo de continuidade da existência*, a dimensão imanente de um sujeito contínuo; contínuo com o ambiente, contínuo com o sonho comum, que será o campo da transicionalidade... então, se existem a dimensão dos elementos femininos puros, e também existem os *elementos masculinos puros*, que são as ações no mundo, ações do desejo e do trabalho, portanto aí é o sujeito descontínuo, é o sujeito interno dialético, que tem seu embate com o mundo, aquele que Freud descreveu, o sujeito contraditório consigo mesmo, e nesse caso cabe falar em instâncias, não é?; então o que temos observado em nosso trabalho é algo que poderíamos chamar de *elemento grupo puro*.

Toda a psicanálise original tem aquele núcleo dialético fundamental, a percepção dos sujeitos em conflito, em dor e sintoma porque eles mesmos se põem em um processo de autoalienação, por assim dizer, processo que também tem representação e fundo social. Winnicott redescobriu, com seus bebês, os elementos que dizem respeito à integração contínua, do silêncio à cultura, do self em fusão com o ambiente, de onde se expande. Outra psicanálise se inaugurou aí (com Ferenczi tendo ido primeiro até lá...) Me parece que com o trabalho do analista grupo estamos diante de um "elemento grupo puro", ou elemento coletivo puro. Que seria aquilo que só existe em nós porque existe grupalmente, quando existimos no processo colaborativo grupal, como este tipo de sonho, quando somos pensados, *feitos oniricamente entre nós*. E, nesse sentido, a metapsicologia está concretamente aberta, como pensava Winnicott, ao outro. O que um dia foi a mãe que sonha o bebê para que ele acesse o próprio sonhar, agora é o grupo que sonha cada um, todos abertos a este sonhar mais amplo da vida na cultura.

11

**Silvio Carneiro:** Eu estou muito interessado na possibilidade de abertura da clínica e questiono em que medida ela tem essa abertura ou não? Do ponto de vista de um conservador, ele nunca vai sequer para a clínica tradicional... É uma resistência da parte dele que trata o espaço como “coisa de doido”, de “gente perversa” que “quer acabar com a cultura ocidental cristã” e tudo mais. O seu documentário “Intervenção, amor não quer dizer grande coisa” mostra uma classe média rica, uma classe militar..., mas também existem os excluídos que podem pensar por aí.<sup>4</sup> Temos a crítica da mercadoria como você tem explorado, mas também a crítica do pensamento conservador. [O conservador] não entra na clínica aberta diretamente, ou talvez, por todas as aberturas que a clínica tenha, talvez ele até apareça lá. Afinal, na ideia de aberto, da Clínica Aberta, há uma possibilidade - algo presente nas aberturas do corpo freudiano atravessado em suas estruturas anais, orais, etc.

---

<sup>4</sup> Rewald, Rubens; Ab'Saber, Tales; Aranda, Gustavo (Dir.) (2017). *Intervenção: O amor não quer dizer grande coisa*: Confeitaria de Cinema/Cérebro Eletrônico.

A abertura, portanto, não é um signo qualquer dentro da psicanálise. Como você dialoga com esse material? Pode aparecer através de uma pessoa trans que sofre uma violência de um conservador, ou mesmo através de uma pessoa trans que tenha um pensamento conservador (afinal, essas camadas são eivadas de contradições). Como você situa essa marca conservadora que aparece no documentário “Intervenção” e o que vocês estão escutando na análise?

**Tales Ab'Sáber:** O espaço analítico parte do pressuposto de que o analista é neutro *a priori*. O analista precisa trabalhar rebaixando o próprio desejo, se desligando deles, rebaixando a memória, se desligando dela, que é esse quadro de referências existencial, pessoal e cultural, para poder receber os impactos, as formas únicas que o outro constituiu. Então, à princípio, o analista não está numa tensão dialética direta, por assim dizer, explicitando os negativos a partir de uma posição. Exatamente o analista vai explicitar as dinâmicas contraditórias a partir de uma não-posição. Isso é a invenção freudiana como método psicanalítico. Você perfura os desejos, os engajamentos e as identificações em si mesmo e no outro para poder se aproximar dessas aberturas pulsionais primordiais, desses engajamentos primordiais. O espaço analítico não é um espaço militante, no sentido corrente comum do termo. Ele milita por essa radicalidade do autorreconhecimento das contradições, para que cada um possa levar suas próprias contradições até a própria capacidade de sonhar e de pensar. Às vezes, essas contradições são inclusive para fora do símbolo, dependendo do tipo de violência vivida, se estamos naqueles psiquismos projetivos dos arruinados do sonho. E que, com outras mediações, é o caso dos autoritários políticos, que vivem de fato grandes convocações culturais industriais de princípios paranoicos do psiquismo projetivo. Eles partem sempre da ideia de que tem um inimigo total que vai destruir a existência, vai destruir o mundo e vai destruir suas vidas. Podemos especular, na origem, um controle sádico anal total de tudo que tente me livrar, *me abrir*. Isso é uma falsificação histórica própria da realidade, mas é a ativação de uma realidade psíquica *que está lá* para ser ativada pelo poder, que tem traçamento inconsciente, o que Freud demonstra na *Psicologia das massas e análise do eu*. O que os fascismos e os conservadores fazem é ativar politicamente o psiquismo esquizoparanóide. Eles o ativam com tecnologia contemporânea, com a tecnologia do tempo (no tempo de Hitler, rádio, cinema, hoje, o *consumo em massa da internet*). Eles articulam essas potências técnicas para animar uma conversão esquizoparanóide política de massas. E assim, retirar essas pessoas do onirismo dialético-democrático em que eu e outro temos valor igual na produção de sentido. “Não! Eu e outro não temos valor igual, o outro está para ser destruído, eliminado, não partilhar a minha existência”, diz a *conversão política* ao neofascismo. Veja: o outro está para ser destruído porque ele me destrói, na fantasia onipotente. É o que impede essas pessoas de irem ao espaço de liberdade.

Em oito anos de clínica aberta, eu nunca ouvi e nunca apareceu para nós um traço de adesão a qualquer coisa como fascismo, ou como bolsonarismo. Isso é muito interessante:

todas essas pessoas pobres violentadíssimas de muitas formas que vão à clínica psicanalítica social, são como se tivessem sido vacinadas. De saída, elas já sabem que onírica e eticamente elas são iguais ao outro. E que precisam de um outro, o grupo analista, que lhes é humanamente comum, mesmo que trabalhando com o inconsciente. E, de saída, elas têm uma verdadeira reserva amorosa que diz: eu posso falar para alguém que vai me ouvir e me considerar sujeito e humano. Você tem que ter também esse traço de confiança, como dizia Winnicott, para viver uma análise. É muito interessante que em tantos anos a gente nunca tenha visto propriamente qualquer esquematismo de tipo bolsonarista, essa profunda desconfiança sobre toda diferença, que não quer dizer que essas pessoas não tenham votado no Bolsonaro, por pressão coletiva ou até por serem enganadas. Mas ali no espaço da intimidade em que elas estão livres para dizer o que elas querem, elas não falam isso, não apresentam essa *posição*: tal máquina de violência política não existe nelas. Então, você tem razão. É muito interessante do ponto de vista mais macro que as clínicas sociais do Brasil tenham surgido no mesmo momento histórico em que a lógica da captura da *anti-clínica*, do controle de indústria cultural dos sujeitos por uma politização esquizoparanóide, do fascismo, aconteceu. Esses movimentos opostos de formas de ser em grupo surgiram no mesmo momento histórico... De um lado, você tem essa convocação de massas para a unidade, repetir, obedecer e destruir. Destruir o quê? Pergunta “o esvaziado do próprio pensamento”, como dizia Freud, visando o líder. “Destruir os direitos, destruir a o SUS, destruir os direitos trabalhistas, aumentar o poder do Capital em toda linha da vida”, responde o senhorio do processo, e o líder fascista.

13

Esse é o vínculo do neofascismo com o capitalismo contemporâneo. Ativa-se o neofascismo para aumentar a acumulação, reduzindo a estrutura social-democrata e as esperanças comuns. Tudo operando numa lógica totalmente industrial, passando totalmente pelos novos circuitos de indústria cultural, propaganda fascista na internet - que o filme que você lembrou “Intervenção” mostra bem: a construção de um circuito de propaganda fascista entre os fascistas, ativando essa lógica esquizoparanóide e procurando por um general para dominá-los. No filme eles ainda estão sem a liderança para alimentar e estruturar inteiramente o grupo. É como na peça de Ionesco: os personagens procurando o seu autor... Ali você vê o grupo procurando o líder fascista, que assume a gestão psíquica do grupo, procurando através desses novos instrumentos tecnológicos. É uma tecnologia política conservadora, reacionária e destrutiva. No mesmo momento histórico, os analistas estão criando espaço grupal crítico, livre, aberto, em que todas as existências são recebidas e importam na sua singularidade, no que elas podem imprimir no espaço analítico, que é vazio; o grupo vai aprender com elas partindo do pressuposto de um espaço universal de reconhecimento. Um espaço universal de direitos em um tempo de liquidação universal de direitos. O que é interessante é isso: as pessoas se organizam e falam “entre nós as pessoas não têm direito ao que nos é mais precioso”: ao que a gente sonha, ao que a gente trabalha, ao que paga nossa vida, à psicanálise.

Como dizia Deleuze, nós estamos fora dos circuitos contratuais institucionais e econômicos, mas estamos num contrato ético-político: aqui as pessoas têm direito, a porta está aberta, quem quiser venha e use. Esse é o sentido radical do reconhecimento. Ao que existe de bom deve se criar formas sociais para que se tenha acesso, ao contrário do que nosso mundo preconiza. Esse é o sentido radical deste conhecimento. Vão à Clínica as pessoas pobres e negras, as pessoas trans, os loucos de rua, os noias, indígenas, senhorinhas aposentadas e solitárias – todos aparecem lá. Até membros do PCC: são as coisas mais impressionantes que a gente já ouviu, completamente diferentes, inclusive dos loucos de rua ou da crise de gênero, porque é a pessoa que foi capturada pelo banditismo popular como forma de vida e aí a violência é exponencial, a violência do mundo gangster, do mundo em que qualquer contradição pode ser resolvida à bala, a qualquer momento. Coisas que nós não costumamos receber nos consultórios, da nossa faixa de classe protegida, onde nós inventamos a universalidade da psicanálise nesse lugar de classe. Então é muito difícil, porque a subjetivação fascista afasta por princípio as pessoas desse tipo de espaço. E por princípio fundante, o método analítico e sua ética universal é antifascista. É o nosso pequeno comunismo de laboratório em um espaço público aberto no coração da cidade, que é o Centro Cultural da Casa do Povo no Bom Retiro. Ali a gente vive como se viveria no comunismo: tudo o que é bom e é produzido socialmente, pertence a todos e todos devem ter acesso. O comunismo não moderno dos indígenas também é assim: tudo o que aquela sociedade produz, simbólica e materialmente, todos nela têm acesso. Ninguém é colocado para fora por uma regra de produção social, que é o capitalismo. Agora, os fascistas são o contrário. Eles estão marchando e aderindo a uma autoridade que anula o pensamento (e o fascismo é a crise do próprio pensamento) para criar mecanismos sociais e de poder, para forçar e garantir a exclusão.

14

Quando o Aldo Zaiden e seus companheiros começaram a fazer a Clínica Aberta de Psicanálise na praça Roosevelt, ele fez a investigação com a gente, trabalhou com a gente, e deu um passo além: abriu a psicanálise na praça pública, direto na agora. Então aconteceu toda uma conversa com os policiais de lá, que estranhavam a presença dos psicanalistas na praça. Mas é um espaço público, podemos sim ocupá-lo ao modo da psicanálise. Isto está fora de discussão com a tradição autoritária brasileira. Passado esse primeiro choque, houve então uma solicitação dos policiais: “A gente sofre muito. Será que a poderíamos participar?” “Claro que podem!”, disseram os analistas, “é para todo mundo”. Mas é claro que os superiores não permitiram aos policiais participarem. Aí você vê a clivagem do mundo, entre um vértice socialista e um vértice autoritário, modos diferentes de produzir vida, psiquismo e política.

## **SOBRE OS ENTREVISTADORES**

**Jaquelina Imbrizi** é Professora Associada IV na Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista. É uma das coordenadoras do Laboratório Inter Campi de Psicanálise, Política, Arte e Sociedade da Unifesp - Baixada Santista e Guarulhos. É membra do Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política (PSOPOL-USP). Atualmente é coordenadora da Ação de Extensão "Clínicas Sociais, Psicanálise e Filosofia".

**Ricardo Almeida Cavalcante** é psicanalista e sociólogo. Mestre e doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Professor do curso Sujeitos da Psicanálise na PUC-SP. Pesquisador do grupo Clínicas Sociais, Psicanálise e Filosofia na UNIFESP. Co-fundador da Clínica Aberta de Psicanálise na Casa do Povo e supervisor clínico do projeto Favela de Psicanálise. Aspirante a membro do Departamento de Psicanálise do Sedes Sapientiae.

**Silvio Ricardo Gomes Carneiro** é Doutor em Filosofia (2014), Mestre em Filosofia (2008) e Bacharel em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2001). Professor na UFABC do curso de graduação de Licenciatura em Ciências Humanas e nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Filosofia, bem como na pós-graduação em Filosofia e no Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-Filosofia). Desenvolve pesquisa em Psicanálise e Teoria Crítica. Coordena o grupo interdisciplinar de pesquisa: Utopia e Crítica: Subjetividades, Democracia e Transformação Social. É membro da International Herbert Marcuse Society. Coordena a coleção Grande Recusa (Editora Politéia), com traduções de obras de Herbert Marcuse. Autor de "Intervenções Marcuseanas: Ensaio de Teoria Crítica" (2021)